

Pedro Nuno Mêda Magalhães
(19 de Janeiro de 1982 - Porto)



Licenciado em Engenharia Civil pela Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto, trabalha actualmente como bolseiro de investigação na Secção de Construções Civas da referida instituição de ensino.

O gosto pela fotografia revelou-se desde muito cedo. Para onde se deslocava fazia-se acompanhar de uma máquina.

Desde uma básica máquina Sumpet oferecida aos oito anos após uma entrevista dos seus pais sobre um condomínio "timesharing", até uma Canon AE-1 foram muitos os registos que recorda sempre que folheia os álbuns.

Dá salto qualitativo quando em 1998 lhe é oferecida uma Canon EOS 500. A fotografia ganha ainda mais importância. Actualmente possui uma Canon EOS 300D. O objecto maior da sua fotografia é uma das suas mais antigas paixões, o Caminho-de-Ferro. Travou conhecimento com este meio de transporte apenas com quatro anos de idade na Estação de S. Bento.

Acompanhado pelo seu avô passou horas naquele local a ver os comboios chegarem e partirem. Depois de algum tempo afastado das lides ferroviárias devido aos estudos e às várias actividades em que participou, nomeadamente peças de teatro pelo Grupo Paroquial e Recreativo de Mafamude e com o Teatro Experimental do Porto, uma aventura Interrail serviu de mote para o despoletar de uma paixão antiga.

Completamente amador, estreia-se nesta mostra, dando a conhecer ao público, no ano em que se comemoram os 150 anos do Caminho-de-ferro em Portugal, trabalhos "Nos Trilhos da Ferrovia". Portuguesa."

Rui de Almeida Cardoso
(27 de Março de 1979 - Vila Nova de Gaia)



Para o autor, a música e a fotografia desempenham um importante papel na sua vida, e desde cedo alia a arte performativa com a visual ao fotografar espectáculos.

Em 2000, começou a trabalhar com o Jornal Universitário do Porto e a aprofundar o seu interesse pela fotografia.

O Festival RockFeira, em 2001, foi a primeira experiência ao nível da reportagem, e também o motor que o levou a enveredar por uma via semi-profissionalizada. A partir daqui trabalha com alguma assiduidade, especialmente depois de adquirir equipamento digital, em Julho de 2002. Especializou-se, assim, na fotografia de concerto, tendo sido no ano seguinte convidado a colaborar com a extinta revista de música RockSound, e actualmente com as revistas LOUD, MetalHeart, FEST Forward e o jornal Raio-X.

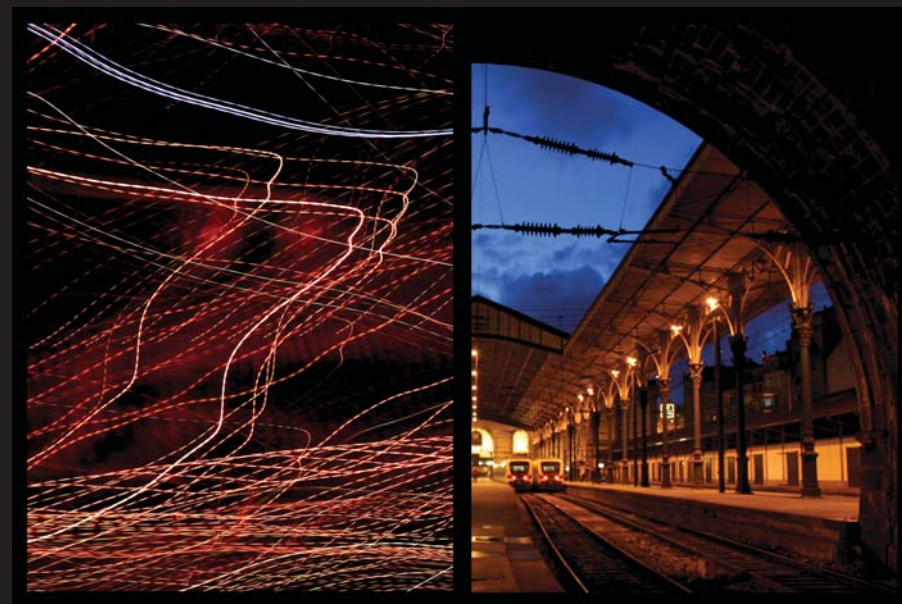
Em Agosto de 2004, foi convidado para expor os seus trabalhos no Festival Noites Ritual Rock. Esta exposição colheu inúmeras críticas favoráveis, o que o incentivou a investir ainda mais na fotografia procurando novos campos e vertentes de acção. No desenvolver da actividade, o seu projecto fotográfico contaminou-se pela vertente do contexto noticioso. Neste sentido, colaborou com o diário "O Primeiro de Janeiro" durante 6 meses (Dezembro a Maio 2004).

Actualmente, fotografa para a Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto, produzindo conteúdos para o Departamento de Comunicação e Imagem.

Recentemente, Rui de Almeida Cardoso tem-se ensaiado em projectos fotográficos mais plásticos e conceptuais. Encontra-se a desenvolver diferentes projectos de fotografia, entre os quais salienta o "Playing with light" e os ensaios de Nu Artístico "Man (with)in the box", "Undressed Moments" e "Noir".

Da sua formação base destaca-se o curso de Artes Visuais, da Escola Secundária Soares dos Reis, a qual terminou em 1998, e este ano ingressou no ensino superior no curso Gestão de Marketing. Conta já com várias formações no ramo da informática, RH, assim como no fotojornalismo.

((e)scap(e))



Pedro Mêda
Rui de Almeida Cardoso

SCC/DEC/FEUP - Out'06 > Mar'07

Organização



Apoios



FEUP - DEC - SCC
Rua Dr. Roberto Frias s/n
4200-465 Porto

Tel/Fax: 22 508 19 40
scc@fe.up.pt
www.fe.up.pt/~scc

Concepção gráfica: RAC@2006

((e)scap(e)) \ SCC-DEC-FEUP

Num local onde grande parte das nossas preocupações se destinam a estudar e criar objectos que possam ser, em alguma medida, permanentes, pode parecer demasiado contrastante uma mostra dedicada à arte do efémero. No entanto, a fotografia é, exactamente, a tentativa de transformar em perene o que é fugaz, momentâneo, que passa despercebido ao olhar mas que nos surpreende quando surge impresso numa folha de papel, quando é projectado numa parede.

Pedro Mêda e Rui Cardoso, cada um com a sua temática e com uma utilização muito própria das tecnologias, dão muito mais que simples cor às paredes destes espaços que usamos diariamente. Os tons e as formas produzem sentimentos: as máquinas e os panos, as texturas de pele e de metal, o fumo e as nuvens, as luzes e as pessoas, os gritos que não ouvimos e os olhares que sentimos que nos rodeiam.

O ((e)scap(e)), fio condutor desta exposição, começou por ser uma fuga para os autores; com a coragem – é sempre preciso ter coragem – desta partilha, podemos, cada um de nós, encontrar também os nossos escapes, os nossos modos de fuga para o nosso quotidiano. E, talvez mais importante, ao comentar, trocar ideias, criticar, gostar e desgostar, sentir que há mesmo algo para além da engenharia que gostamos de partilhar com colegas e amigos que encontramos todos os dias.

Jorge Moreira da Costa
Director da Secção de Construções Cívicas



Alive
Rui de Almeida Cardoso, 08/2006



Invicta Estação
Pedro Mêda, 01/2006

((e)scap(e)) \ Motivação

“Escape – acto de escapar; fuga; evasão; salvação; peça reguladora do movimento dos relógios”...
Dicionário da Língua Portuguesa (Porto Editora)

Mostra fotográfica de Pedro Mêda e Rui de Almeida Cardoso.

A fotografia é um “escape” para cada um dos autores. Assume-se como a “peça reguladora do movimento da vida”. Existe sempre uma câmara fotográfica como ponto de partilha das “fugas” do seu dia-a-dia.

Pedro Mêda e Rui de Almeida Cardoso encontraram um meio que os define; que os caracteriza, o que gostam, os seus estados de alma. Cada um dos trabalhos fala dos seus “escapes”, quer mediante um palco, um estúdio ou junto ao caminho-de-ferro.

É lá que se encontram!

Outubro de 2006

Pedro Mêda \ ((e)scap(e))

As paixões podem ter origens visíveis ou intangíveis. No caso do Pedro, meditando, arrisco-me a encontrar uma das que tornou os comboios e a engenharia civil as suas razões de ser e viver. Enquanto pequeno, debruçado da janela do seu quarto, o Pedro podia ver a ponte de S. João, obra-prima de Edgar Cardoso para os monstros de ferro, a erguer-se. Todos os dias, ouvia o ecoar matutino da partida das composições a sair de Campanhã, quando as ruas não estavam ainda cheias de gente nem de carros a abafarem o som do silvo agudo da partida. Subindo ao sótão, modelos de comboios povoavam o imaginário de cidades longínquas acessíveis apenas pelos monstros de ferro.

No entanto, a forma metódica como abordou o problema de descobrir locomotivas inacessíveis, a documentação exaustiva sobre quer as suas predilectas LD (Locomotivas a Diesel), quer sobre UTE's, automotoras, locomotivas a carvão, de bitola ibérica ou estreita, as próprias estações, linhas abandonadas ou ramais esquecidos, levam-me a crer que a paixão se tornou um grande amor. E, como todo o amor, dá frutos.

Esta mostra de trabalhos é o primeiro fruto da enorme devoção do Pedro à ferrovia em Portugal. E tenho um gosto enorme em poder jurar a todos os visitantes desta mostra que ele não deixará de continuar a podar e ajudar a florescer em cada um de nós a paixão pelos comboios em Portugal.

Daniel Rodrigues

Trilhos da ferrovia portuguesa

Trilhos da ferrovia portuguesa é o nome escolhido para este trabalho, que pretende mostrar ao público momentos da vida ferroviária do século XXI, no ano em que o Caminho-de-Ferro comemora 150 anos de existência em Portugal.

Fonte de amores e desamores, o caminho-de-ferro teve no nosso País um nascimento atribulado. Por superstição, por desconhecimento, por não verem neste meio de transporte qualquer vantagem, ou mesmo por interesses discordantes, muitos foram os que o contestaram veementemente.

Mesmo contra essas vontades, os trilhos foram estendidos e, a 26 de Outubro de 1856, realizou-se a viagem inaugural entre Lisboa e o Carregado. Estavam lançadas as sementes para o desenvolvimento de um meio de transporte que revolucionou as comunicações do Portugal da segunda metade do século XIX. Durante os anos seguintes, o caminho-de-ferro foi marcando o território e a vida das pessoas. Criaram-se novos aglomerados populacionais voltados para a vida ferroviária, ergueram-se estações e pontes revolucionárias para a época.

Na literatura, muitos escritores encontraram inspiração neste cenário, redigindo textos sobre a magnificência do caminho-de-ferro e da locomotiva a vapor.

Na actualidade, os trilhos dão lugar ao betuminoso e o comboio já não ocupa o lugar cimeiro nos transportes terrestres. O automóvel assume-se como principal meio de transporte. Perdidos no tempo ficam obras e veículos cheios de história.

Numa altura em que o comboio de alta velocidade está na ordem do dia, torna-se necessário pensar no papel que desempenhará o caminho-de-ferro convencional.



A Viagem das Viagens.2006



Pedaços de História.2003



LD-1965 Pampilhosa.2005

Rodas nos Trilhos

Vapor, Diesel e Electricidade, fizeram e fazem mover as pesadas rodas do núcleo da ferrovia, o comboio. O fumo, as engrenagens, a imponência, o ruído e o cheiro, o silêncio e o "asseio" são cunhos que caracterizam as locomotivas movidas por estas três fontes de energia.

Nos Trilhos da História

Não é difícil encontrar em muitas estações vestígios de história. Desde os simples utensílios às fardas dos trabalhadores, desde as carruagens e locomotivas às obras de arte e aos edifícios, são tudo elementos de um velho puzzle. Estes elementos possibilitam um regresso ao passado, até ao século XIX, no tempo em que as viagens eram marcadas pelo fumo negro que vagueava pelas carruagens cuspidas pela locomotiva a vapor.



Gémeas sobre o Douro.2005

Nos Trilhos da Modernidade

A ponte de S. João, grande obra de engenharia, constituiu uma evolução nas comunicações ferroviárias entre as margens do Douro, encerrando um capítulo histórico onde durante 114 anos a notável ponte D. Maria Pia assegurou a ligação em via única. As novas composições dos suburbanos do Porto, Unidades Múltiplas Eléctricas (UME) série 3400 chegam a Portugal já no novo século, rendendo as "idosas" mas robustas Unidades Triplas Eléctricas (UTE) construídas na década de 70 nas oficinas da Sorefame.



Ferro com Ferro.2004

Nos Trilhos das Paisagens

A paisagem acompanha todos os viajantes. Contemplando-a ajuda muitas vezes a passar o tempo e a esquecer a demora da viagem. Em Portugal, percorrendo as linhas-férreas encontram-se as mais belas paisagens.

Coube-me a mim escrever algumas linhas sobre esta mostra...

Porque conheço de perto todos os projectos, porque partilhei cada emoção, cada momento da sua evolução, porque o Rui faz parte da minha vida.

Quem conhece o Rui sabe que respira para transportar o seu olhar crítico. Que se desloca com uma grande mochila (recheada de lentes e câmaras fotográficas) e com o seu mp3. Que vive intensamente cada momento e que o partilha com um grupo sólido de amigos, porque cada conquista só tem sabor quando é partilhada.

O primeiro encontro do Rui com a fotografia foi com a outra grande paixão da sua vida: a música. Foi aí que encontrou a base, e a banda sonora, para as primeiras experiências. Evoluiu, cresceu, aprendeu técnicas e aperfeiçoou-as. A música e os palcos tornaram-se pequenos para tantos clicks, era preciso tocar outras áreas. E foi assim que nasceram "Playing with light", Little things in a big house", as sessões fotográficas com os Equaleft e mais recentemente "Undress Moments", "Man (with)in the box" e "Noir". As fotografias, a energia e os momentos já estavam registados, era altura de dá-los a conhecer ao mundo.

O Rui escapou-se...e ainda bem!

Carla Ximenes

Playing With Light

"Estas fotografias inserem-se no projecto "Playing with light", que me encontro a desenvolver e cujo objectivo é expandir o lado mais plástico/abstracto/criativo do meu trabalho. Embora cada fotografia seja pensada e estudada, o resultado final é por vezes mais intuitivo que exacto. Os trabalhos desenvolvidos são muito pessoais pois reflectem a sensação do momento de captação ou de edição. O título de cada fotografia está directa ou indirectamente ligado ao conteúdo subjectivo da imagem.

A arte é um registo, uma marca, por vezes do espírito."

Jan'05

www.pwl.pt.vu



A Perda.2006

Man (with)in the box

"Man (with)in the box" partiu de "Man in the box", música dos Alice In Chains.

Ao contrário de "Undressed Moments" em que o conceito da fotografia surge muitas vezes durante a sessão fotográfica, este projecto exterioriza conceitos, ideias e sentimentos, assim como o background musical do autor.

A caixa (the box) é o elemento condutor que poderá ser interpretado como a ligação ao mundo, à vida, à morte ou simplesmente ao presente.



To scared to jump, to afraid to stay.2006



Doce toque da mão que não ouviu.2006

Undressed Moments

"Undressed Moments" é a vontade de evoluir, experimentar e inovar. São captações a pessoas que se despiram de preconceitos e barreiras para pertencerem a um momento.

Este projecto serve como ponto de partida para o autor e o modelo "quebrarem" o gelo e seu resultado final pertencerá para sempre aos dois.

"Undressed Moments" são palavras que percorrem a mente do autor e que necessitam de uma imagem para terem sentido.

"O Nu sempre foi a minha área de eleição na fotografia. Os trabalhos de Man Ray, Nan Goldin, Nina Glaser, Eduard Weston, Barbara Bordnic, Helmut Newton, Robert Mapplethorpe, Ernestine Ruben, Pere Formiguera ou mesmo Spencer Tunick e Joel-Peter Witkin sempre foram um regalo para os meus olhos. Confesso que desde que uma amiga em 1997, me apresentou o "eros" o mais bonito e bem conseguido livro feito até hoje sobre o tema (na minha opinião), tive vontade de fazer este tipo de fotografia. Na altura nem sabia o que era uma máquina fotografia, também só o soube em 2001.

Demorou 5 anos até me decidir finalmente, em Agosto de 2006, abordar o tema. Barreiras quebradas, problemas logísticos resolvidos e eis a minha primeira fotografia de ensaios sobre nu.

Não é nada de especial, mas é a primeira.

Muito obrigado Veggy... se não fosse a tua força, persistência e paciência, estaria ainda sem saber como fotografar o nu. São pessoas como tu que dão sentido à palavra AMIGO."



One always come after zero.2006

Noir (Undressed Story)

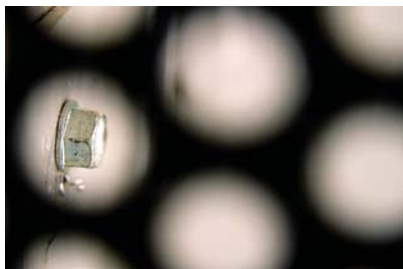
"Noir" é uma história conceptual de relações humanas. Um dissecar fotográfico de momentos a dois, inspirado no álbum Noir dos Callisto.

As fotografias foram pensadas, construídas, encenadas e efectivamente fotografadas ao som do álbum pelo que só fazia sentido atribuir-lhes o nome das faixas.



01-Wormwood.2006

Pode ouvir os Callisto em: www.myspace.com/callistochoaos



Alone.2006

Little things in a big house

"Little things in a big house" são "pequenas coisas", de tamanho ou importância, que juntas formam o todo de mais um marco da Arquitectura e Engenharia na cidade do Porto. A Casa da Música é, por excelência, uma casa cheia de "pequenos" detalhes a descobrir.



Pain.2002

Palcos

O palco foi o meu primeiro grande desafio fotográfico.

Foi a fotografar concertos e performances de palco que aperfeiçoei técnicas e desenvolvi as primeiras experiências com luzes.

Muitas das bandas que fotografei, e aqui apresento, são a banda sonora do meu trabalho e das minhas emoções.

Equaleft

Os Equaleft são uma banda de metal do Porto. Surgiram em 2003 com os ex-elementos dos Mysterium, Tremble e This Grace e propõe-se tocar um som eclético e dinâmico. Mas, essencialmente, os Equaleft são um grupo de amigos, que partilha música, espaço e vida. Um espaço onde vivem os alter-egos e no qual o Snyder substitui o Rui Cardoso e se assume como sexto elemento. Este é o resultado desses momentos: algumas sessões fotográficas e experiências que partilhamos juntos.

Ao Inglês, ao Veggy, ao Piranha, ao Maglor, ao Super e ao Mark.

www.equaleft.pt.vu



Equaleft.2005

((e)scap(e)) \ Agradecimentos

Apraz-me neste espaço agradecer a todos os que directa e indirectamente tornaram esta mostra possível. Sem enunciar muitos nomes, não vá eu esquecer-me, queria agradecer aos meus amigos, por me aturarem, por me encorajarem e por partilharem grandes amizades, ao Daniel, Gustavo e João (Men in Red + Men in Beije) "aventuras ferroviárias, Lda.", à minha família por tudo, desde os zero aos 24, por agora, à Inês, pela presença, pela dedicação e por partilhar comigo esta paixão, a todas as pessoas da SCC, pelo apoio e companhia no dia a dia da FEUP, e à Penacolor na pessoa do Sr. Pena e ao Eng. Miguel Cabral da Novinco.

Mostrar gratidão é sinónimo de agradecer. Existem três pessoas para com as quais estou extremamente grato.

Ao Rui, pela amizade, por partilhar e materializar ((e)scap(e)), "no stress allowed, just panic!".

Ao Professor Moreira da Costa, pela aposta, coragem, amizade e dedicação a este projecto.

Ao meu avô Júlio, por me ter acompanhado nas minhas primeiras viagens, por me ter inculcido "implicitamente" esta paixão, e pela saúde de momentos que não voltam... Esta exposição é em muito dedicada a ti...

É sempre muito ingrato "listar" as pessoas a quem "devemos" agradecer.

Mas podemos escrever com o coração, por isso cá vai: ao Pedro (próxima expo. "Nos Trilhos da Amizade") ao Nuno, Carla, João, Cati, Hélder, Ana Liz, Joana's, Lourdes, Marta, Fernando, Sheila, Ika, Vitru, Filipe, Jorge, Inês, Gi a vossa amizade e ajuda é sempre essencial. à minha linda mãe (já tens lugar no céu), pai, Ricardo e família.

Equaleft friends (we rise, they fall) a todas as pessoas da melhor SeCção (alguém ainda tem dúvidas?)

a todos os colegas e alunos que fazem a FEUP uma grande família

a todas as pessoas que conheci ao longo destes anos de muita música

aos amigos que fui somando ao longo de 27 anos (muitos e bons)

ao Sr. Luís Ribeiro e Novinco, Sr. Mendes.

Reservei um agradecimento muito especial a duas pessoas. Pelo que são e pela influência que têm em mim, este espaço seria muito limitado para descrever o que sinto... Com estima, admiração e amizade

à ML (a mãezinha cá do sítio, num serás substituída) ao JMC....(há pessoas que jamais esqueceremos)

"Life is a journey trough an emotional dream"